

O etnofutebol do povo Gavião do Pará: indianidade no esporte ou a esportividade indígena

*Ethnofootball of the Gavião people of Pará:
indianness in sport or indigenous sportsmanship*

*Etnofútbol del pueblo Gavião de Pará: indianidad
en el deporte o deportividad indígena*

Fabio José Cardias-Gomes

Universidade Federal do Maranhão (Imperatriz)
fabio.cardias@ufma.br

Everson Carlos da Silva

Universidade de São Paulo
everson.indio@alumni.usp.br

Resumo: O objetivo deste estudo foi explorar, descrever e ampliar etnosaberes sobre o futebol indígena desenvolvido entre o povo Timbira, em especial o povo Gavião Kyikatejê. O legado dos estudos acadêmicos de José Fassheber e colaboradores é importante para continuarmos a pensar o etnoesporte, em especial o etnofutebol, e as práticas corporais como ressignificadoras, atualizadoras entre o jogo-ancestral e o esporte moderno presentes no território. As considerações de Bairrão na etnopsicologia, nos ensina a valorizar a narrativa do informante como um saber não minorizado diante do acadêmico, mas uma outra forma de saber, ou etnosaber. Os estudos de Alexey Kylasov sobre os Jogos Tradicionais a partir da realidade russa, nos aponta a necessidade de valorizá-los, salvaguardá-los, conhecê-los e apresentá-los à sociedade. A perspectiva teórica-metodológica que utilizei foi a observação participante, a etnografia e a entrevista. O renomado e primeiro treinador indígena, o senhor

Jakukreikapiti Ronore Konxarti Pepkrate (Zeca Gavião), nos forneceu dados importantes, significativos que exigem sempre maior investigação de tão ricos que se mostraram sua trajetória etnoesportiva e do povo Timbira, desconhecido ainda na literatura específica. Esta pesquisa sobre a jornada heróica de Zeca Gavião, reverbera a riqueza de práticas corporais, que observei no Território Indígena Mãe Maria, exemplifica a diversidade étnico-cultural das práticas dos parceiros-protagonistas que são os povos da floresta. **Palavras-chave:** Etnopsicologia. Etnoesporte. Etnofutebol. Povo Kyikatejê. Zeca Gavião.

Abstract: The objective of this study was to explore, describe and expand ethno-knowledge about indigenous football developed among the Timbira people, especially the Gavião Kyikatejê people. The legacy of the academic studies of José Fassheber and collaborators was important for us to continue thinking about ethnosport, especially ethnofootball(ethnosoccer), and bodily practices as resignifiers, updating between the ancestral game and the modern sport present in the territory. Bairrão's considerations in ethnopsychology taught us to value the informant's narrative as knowledge that is not diminished by academic knowledge, but another form of knowledge, or ethnoknowledge. Alexey Kylasov's studies on Traditional Games from the Russian reality pointed out the need to value them, safeguard them, get to know them and present them to society. The theoretical-methodological perspective I used was participant observation, ethnography and interviews. The renowned and first indigenous coach, Mr. Jakukreikapiti Ronore Konxarti Pepkrate (Zeca Gavião), provided us with important, significant data that always requires further investigation of his ethnosporting trajectory and the Timbira people, who are still unknown in specific literature. This research on the heroic journey of Zeca Gavião, reverberated the richness of corporal practices, which it was observed in the Mãe Maria Indigenous Territory, exemplifies the ethnic-cultural diversity of the practices of the partner-protagonists who are the people of the forest.

Keywords: Ethnopsychology. Ethnosport. Ethnofootball(soccer).

Kyikatejê People. Zeca Gavião.

Resumén: El objetivo de este estudio fue explorar, describir y ampliar el etnoconocimiento sobre el fútbol indígena desarrollado entre el pueblo Timbira, especialmente el pueblo Gavião Kyikatejê. El legado de los estudios académicos de José Fassheber y colaboradores es importante para que sigamos pensando en los etnodeportes, especialmente el etnofútbol, y las prácticas corporales como re-significadoras, actualizando el juego ancestral y el deporte moderno presente en el territorio. Las consideraciones de Bairrão en etnopsicología nos enseñan a valorar la narrativa del informante como un conocimiento que no se ve disminuido por el conocimiento académico, sino como otra forma de conocimiento, o etnoconocimiento. Los estudios de Alexey Kylasov sobre los Juegos Tradicionales basados en la realidad rusa nos muestran la necesidad de valorarlos, salvaguardarlos, conocerlos y presentarlos a la sociedad. La perspectiva teórico-metodológica que utilicé fue la observación participante, la etnografía y las entrevistas. El reconocido y primer entrenador indígena, Sr. Jakukreikapiti Ronore Konxarti Pepkrate (Zeca Gavião), nos proporcionó datos importantes, significativos y que siempre requieren mayor investigación, dada la rica que ha demostrado ser su trayectoria etnodeportiva y la del pueblo Timbira, aún desconocida en la literatura específica. Esta investigación sobre el viaje heroico de Zeca Gavião, se hace eco de la riqueza de las prácticas corporales que observé en la Territorio Indígena Mãe Maria, ejemplifica la diversidad étnico-cultural de las prácticas de los socios protagonistas que son la gente de la selva.

Palabras clave: Etnopsicología. Etnodeporte. Etnofútbol. Pueblo Kyikatejê. Zeca Gavião.

Introdução

O presente trabalho buscou conhecer etnosaberes sobre o futebol indígena desenvolvido entre os povos Jê-Timbira, em especial o povo *Gavião Kyikatejê*, do Território Indígena Mãe Maria (TIMM), no Pará. O primeiro time de futebol indígena do Brasil e do mundo, conforme a própria Federação Internacional de Futebol (FIFA) é o Gavião *Kyikatejê* Esporte Clube.



Imagem 1: Escudo do time Gavião Kyikatejê Futebol Clube.

A perspectiva teórica-metodológica deste trabalho é de cunho etnográfico, com coleta de dados no território, com observação, caderno e diário de campo, além de entrevista não estruturada, sob análise psicossocial, etnoesportiva e etnopsicológica, que são concepções desenvolvidas ao longo do texto. Para este estudo, considerou-se o recorte de entrevista com um dos personagens principais desta história do futebol Gavião *Kyikatejê*, o treinador indígena: Zeca Gavião.

Inicialmente, ao estudarmos a noção de Cultura Corporal de Movimento o compreendemos como um termo amplo que abrange todas as práticas corporais que foram historicamente desenvolvidas e possuem relevância cultural. Isso inclui danças, jogos, lutas, ginásticas e esportes, todos com transmissão intergeracional e configuradores da identidade sociocultural (Miarka; Silva, 2022).

Os conceitos de etno-desporte indígena e *ethnosport*, respectivamente de Fassheber (2006, 2010) e Kylasov (2012, 2019), compreendem as práticas corporais tendo suas raízes fincadas nas tradições ritualísticas do grupo étnico-cultural específico quanto as práticas esportivas modernas dentro do mesmo grupo.

Ambos os conceitos refletem as crenças, os valores e as tradições de sociedades tradicionais, nas quais a prática corporal ancestral e moderna desempenham papéis no entretenimento, de lazer, de fazer a pessoa indígena e na defesa territorial, além de atuarem como veículos de expressão cultural e de preservação das tradições ancestrais no mundo contemporâneo, colonialista e violento com os quais lidam esses povos e suas tradições (Gomes, 2019).

Essas conceituações de etnoesporte buscam esclarecer os valores dessas práticas não só como exercícios físicos, práticas corporais e esportivas, mas também como patrimônios culturais vivos e memoráveis, que merecem reconhecimento e valorização social por sua contribuição à diversidade cultural e histórica do Brasil, como veremos mais abaixo.

O artigo 217, inciso IV, da Constituição Federal estabelece como dever do poder público a proteção e o fomento às manifestações esportivas de caráter nacional. Logo, torna-se imprescindível a implementação de políticas que estimulem tais práticas, enaltecendo a cultura da sociedade brasileira através do esporte. As práticas desportivas indígenas são frequentemente um meio de perpetuar sua cultura, história e identidade. Portanto, é de suma importância que o Estado desenvolva e execute políticas públicas que assegurem o acesso e o estímulo a essas práticas, consolidando os direitos culturais dos povos indígenas e promovendo sua inclusão social. Esta abordagem não só atende ao mandato constitucional, mas também contribui para a valorização e preservação da diversidade cultural inerente ao Brasil (Silva; Navarro, 2015).

É importante destacar que as manifestações desportivas dos povos tradicionais são amplamente amparadas pelo artigo 215 da Constituição Federal de 1988, que trata especificamente da proteção e valorização da cultura.

A discussão sobre as práticas esportivo-culturais indígenas evidencia a importância de elementos como identidade étnico-cultural e sua diversidade. Estas atividades simbolizam uma ligação histórica e significativa com a natureza e com suas terras ancestrais, atuando como expressões de resistência cultural face ao processo de colonização violento e de desapropriação de terras. Além disso, as práticas esportivas indígenas estão entrelaçadas a uma cosmovisão e cosmopolíticas que prezam a relação e o respeito à natureza, evidenciando a interdependência vital entre a humanidade e o ambiente natural (Santos, 1999).

O Art. 31 da Declaração da ONU (2007) sobre os Direitos dos Povos Indígenas garante que os povos indígenas tenham o direito de controlar, desenvolver e manter seu patrimônio cultural, conhecimentos tradicionais e expressões culturais, incluindo suas ciências, tecnologias e culturas. Além disso, o artigo protege suas propriedades intelectuais relacionadas a esses elementos culturais, permitindo que eles preservem e transmitam suas tradições para as gerações futuras.

Entretanto, a origem dos jogos da humanidade se confundem com a origem da mesma. Durkheim, por exemplo, em “As formas elementares da vida religiosa” se debruçou sobre os rituais australianos a partir de documentos produzidos por diversos etnógrafos e administradores coloniais sobre tais populações para explicar que as origens da religião se dão pela separação entre sagrado e profano. Os estudos iniciais dos jogos também se deram pelos primeiros registros escritos dos primeiros etnógrafos, missionários e colonizadores. Como veremos abaixo.

Revisão da literatura

Fassheber (2006a, 2006b, 2010), Freitag e Fassheber (2011) e Fassheber, Freitag e Gouvêa (2019), em seus estudos iniciais sobre os jogos tradicionais, apontam para o clássico Durkheim (1996) “*As formas elementares da vida religiosa*”, para quem os jogos e recreações, incluindo as danças, foram incorporados ao espírito religioso, funcionando como uma forma de distensão contra os rigores da vida religiosa. Os jogos teriam sua origem nas representações do ritual religioso, o culto seria uma espécie de

ritual de recreação, ou seja, os elementos recreativo e estético dos rituais e/ou ritos.

Os jogos tradicionais carregam o aspecto recreativo cujas representações para Durkheim são estranhas ao fim utilitário, permitem que esqueçamos o mundo real, deixa a imaginação a vontade, nos distraem.

De acordo com os estudos dos autores acima, Lévi-Strauss (1997) faz relações entre jogo e rito, sendo o jogo definido pelo conjunto de regras, como uma espécie de rito que também se joga. As diferenças entre jogo e rito seriam estruturais. O jogo aparece como *disjuntivo*, há uma divisão diferencial entre os jogadores individuais ou equipes, porém não desiguais. De maneira inversa o ritual é *conjuntivo*, pois institui uma união. No caso do jogo, a simetria é pré-ordenada; estrutural decorre do princípio das regras sendo as mesmas para os dois campos. Já o rito está para a assimetria, decorre da contingência dos fatos, depende da intenção, do acaso ou do talento. Ocorre o inverso no ritual, a assimetria preconcebida é postulada entre profano e sagrado, fiéis e oficiantes, mortos e vivos, iniciados e não-iniciados. O *jogo conjuntivo do rito*, consiste em fazer passarem todos os participantes para o lado da parte vencedora, o *jogo disjuntivo* divide entre quem ganha e quem perde a partir de oportunidades iguais.

Em relação aos estudos dos Jogos tradicionais ameríndios, Fassheber (2006) aponta que os praticados pelos ameríndios é pouco mensurado, que a literatura possui muitas lacunas em dados etnográficos. Que Renson (1992), Culin (1975), Chan (1969) são alguns nomes que estão no início de descrições etnográficas sobre jogos indígenas nas Américas. Fassheber, Freitag e Gouvêa (2019) apontam que Nabokov, em 1981, ao estudar os Incas pré-colombianos, observa que houve engenhadas estrada na Cordilheira dos Andes, cujas extensão se faziam comunicar pela corrida todos os povos das terras altas e baixas da América do Sul em relação à capital incaica.

Fassheber (2006, 2010) aponta que há uma literatura recente de exemplos inventariados por colegas antropólogos e por poucos professores de Educação Física. No Brasil, a corrida de Toras foi primeiro registrada

por Nimuendajú ([1934] 2001), contemporaneamente estudada por Vianna (2001). O Joga Bunda, o Jogo de Soco e a Peteca Kadiwéu e a peteca Guarani e Sambo-Nhanderi por Vinha (1999, 2004). Rocha-Ferreira, Vinha, Tagliari, Fassheber, Ugarte (2005) apontam uma noção mais próxima da qual concebemos: a de que há uma integração da cosmovisão desses povos entre jogo e ritual, não separados. Ainda que cada povo tenha sua visão cosmopolítica, na América como um todo, os autores apontam que pesquisadores como Von Vriessen (1997), por exemplo, já havia proposto a inseparabilidade entre as relações jogos-rituais. E como bem observado, os funerais antigos já incluíam competições, como é o caso milenar da corrida de tora Timbira (Gomes, 2021a; 2021b).

Os jogos tradicionais indígenas são práticas corporais e também rituais, com ludicidade, com mitos que lhes deram origem, e portanto, congregam em si o mundo material e imaterial de cada etnia, inseparáveis, não coincidindo com a noção ocidental colonizadora. E também requerem aprendizado específico de habilidades motoras, psicossociais e estratégias do jogo-ritual, para formar a pessoa-étnica de cada aldeia-comunidade.

As práticas corporais indígenas são rituais, para agradecer a um ser sobrenatural, os encantados, para obter fertilidade, chuva, alimentos, saúde, condicionamento físico, sucesso na guerra, entre outros. Também ritos de passagem, a preparação da criança para a vida jovem e adulta, a socialização, a cooperação e/ou a formação de guerreiros. Não existem medalhas de ouro, ainda que haja ganhadores e perdedores, a premiação é o prestígio, o reconhecimento do esforço, a busca da participação equilibrada com significados e experiências que são incorporadas pela pessoa indígena em grupo.

Entretanto, de acordo com Fassheber e Gomes (2020), os estudos sobre as práticas corporais ameríndias, ao retomarem que a literatura social ao longo da década de 1960 a 1980 são inauguradas com Chan (1967), Cullin (1975) e Nobokov (1981), no Brasil os exemplos são raros, destacando-se o futebol de cabeça do povo Paresi, o *Zikunati* ou *Zukunahati*, o qual foi registrado por Rondon em 1906, bem como a corrida de toras por Nimuendajú em 1946. Só posteriormente Melatti em 1975 estuda a corrida de toras como ocorre entre os povos Kraô, no antigo Goiás, atual Tocantins.

Podemos até pensarmos, em outro momento de escritura, em uma periodização tripartite: a) primórdios: registros escritos raros e iniciais (1900), b) etnografias posteriores por antropólogos (1940-1980) e c) retomadas do tema, vide a ameaça de extinção dos Jogos Tradicionais e a construção de conceitos como a esportividade indígena (Vianna, 2001; Carlos, 2013), a indianidade esportiva no etno-desporto indígena, vide a mescla entre jogos e esportes modernos nas aldeias, em especial o futebol indígena, quilombola, ribeirinho e outras comunidades tradicionais no Brasil.

A partir do século XXI, diversas associações de Jogos Tradicionais ou *Traditional Sports and Games* (TSG) e *Ethnosport* se estabeleceram desde a Europa e os Estados Unidos (EUA), organizados por regiões, países e continentes com reconhecimento e institucionalizados como uma questão global, pois é notório as ameaças de extinção desses patrimônios materiais e imateriais que são os jogos tradicionais, como apontou La Vega (2021). Essas organizações se apresentam como associações dialógicas que se classificam como promotoras, apresentadoras, protetoras e fomentadoras de TSG e estudos e experiências como são os exemplos: *TSG Association* dos EUA, TSG na Europa, a *World Ethnosport Confederation* na Turquia e países árabes, a *World Ethnosport Association* com sede em Latvia e Rússia, esta última fundada pelo próprio Kylasov.

Assim, a concepção de Fassheber (2006, 2010) sobre Etno-Desporto indígena é a seguinte:

O Etno-Desporto indígena está então fundamentado nas possibilidades das culturas adaptarem e transformarem suas próprias tradições e adaptarem e transformarem as tradições advindas do contato. Mais que adaptar e transformar, o Etno-Desporto expressa o processo de ressignificação de valores culturais e uma re-inserção com o mundo dos brancos: a criação – pela mimesis – de uma segunda natureza[...] (Fassheber, 2010, p. 87).

Kylasov (2012) define o *Ethnosport* como:

Partindo desta posição básica, o Ehtnosport (objeto de uma teoria) pode ser definido como uma forma institucional de espaço social e cultural unido para todos os estilos

tradicionais de atividade física (sem a formação de organizações desportivas), federações desportivas dos chamados “desportos nacionais”. e amplamente revividos como reconstruções históricas – jogos tradicionais como parte integrante dos festivais tradicionais. (KYLASOV, 2012, p.12).

Enquanto o conceito de etno-desporto indígena em Fassheber (2006, 2010) parte da experiência do autor com o povo Kaingang, sugere a extensão do termo a outros povos, destaca o conceito antropológico de mimésis desde Taussig, indica a possibilidade de adaptação, transformação e ressignificação de valores culturais e a re-inserção no mundo globalizado, como uma segunda natureza (ou consciência) dos jogos tradicionais e os esportes modernos entre os povos e etnias. Por outro lado, já o conceito de *ethnosport* em Kylasov (2011, 2012) propõe institucionalizar no espaço sociocultural os estilos tradicionais de jogos tradicionais sem a necessidade de formação de federações aos moldes esportivos mas revividos como reconstruções em festivais tradicionais, mesmo além dos ciclos rituais.

Se até aqui apresentamos referências baseadas no saber antropológico, é porque os antropólogos chegaram primeiro que os psicólogos nessa temática, que só agora demonstram interesse no tema, ainda que tímido. Daí a necessidade de um diálogo interdisciplinar, ou mesmo transdisciplinar, entre saberes e fazeres antropológicos e psicológicos.

Por exemplo, é recente o interesse da psicologia, da psicologia social e da psicologia do esporte e exercício em temas como etnia, raça, antirracismo, interculturalidade, povos indígenas e tradicionais. Por exemplo, em *Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre Branquitude e Branqueamento no Brasil* (Piza et al, 2016), Kabengele Munanga denuncia o embranquecimento como ideologia educacional e cultural, escolarizado, alienado à pessoa negra (pretos e pardos) o qual batizou de Racismo a Brasileira.

Em *Psicologia Social do Esporte* (Rubio, Camilo, 2019), Junior e Rubio (2019), em estudo sobre o negro no esporte brasileiro, no capítulo *Revisitando a “raça” e o racismo no esporte brasileiro: implicações para a Psicologia Social*, concluem que o assunto ainda merece investigação

profunda e que só agora se iniciou com as novas leis de injúria racial e discriminação racial, presentes fortemente no esporte e futebol mundial. Tanto a Associação Brasileira de Psicologia do Esporte (ABRAPESP) quanto a Associação Brasileira de Estudos da Psicologia do Esporte e Exercício (ABEPEEX) trazem em suas edições de congressos grupos de trabalho sobre as problemáticas acima.

Ao investigarmos práticas esportivas indígenas sob viés psicológico e antropológico, ou antropopsicológico, sob métodos etnográficos, estamos a investigar uma psicologia de uma etnia, uma etnopsicologia. Etnopsicologia foi o termo que substituiu o nome de uma revista francesa do meado do século XX, a *Ethnopsychologie*, que substitui o título anterior *Psychologie des peuples* (Psicologia dos povos).

Moritz Lazarus e Heymann Steinthal usaram o termo Psicologia dos povos primeiro que Wilhelm Wundt, o que geralmente lhe é atribuído como pioneiro na literatura, no alemão: *Völkerpsychologie*. Pagliuso e Bairrão (2019) chamam a atenção da mudança do termo povo para *ethnos* (que significa povo em língua grega), porém a primeira tinha um peso histórico maior (people em inglês, peuples em francês), mudança que ocorrera a partir da antropologia. Depois, viria o desenvolvimento da etnopsiquiatria com Georges Devereux, dentre outros atores teóricos, que como psicanalista defenderia o reconhecimento da funcionalidade da cultura no psiquismo de cada paciente, o *ethos* da cultura.

Pagliuso e Bairrão (2019) anunciam que a intenção da Etnopsicologia não é aplicar teorias psicológicas e enquadramentos às pessoas e ao contexto social, mas, dialogar com outras formas de produção de conhecimento do ser e de visão do universo, como processos históricos e sociais e culturais, ao apreendê-los e apresentá-los como uma concepção humana original e autêntica e não sob uma hierarquia de saberes. Como são os casos de compreensões do que são os jogos-rituais para os próprios que o organizam, o fazem, o transmitem e o ressignificam ao longo de dezenas de gerações, como a corrida de tora do povo Timbira, por exemplo, praticadas a centenas de anos nos territórios.

De acordo com Fassheber (2006), o etno-desporto indígena é a prática das atividades físicas, tanto sob a forma de jogos tradicionais e a mimesis,

conforme Taussig, que dinamiza esses jogos, quanto esta mesma mimesis aplicada ao esporte global no território e na sociedade vizinha de contato, essa capacidade de adaptação aos esportes modernos não lhes tira a sua indianidade, sua identidade étnica-cultural.

O etno-futebol indígena, seria então o processo pelo qual a sua própria ressignificação e a sua mimesis no esporte passará tanto pela via da transformação dos jogos tradicionais como da incorporação do futebol nas aldeias reafirmando a identidade étnica de forma singular, ao se considerarmos a construção de pessoa, a feitura do corpo e da alma, bem como o uso específico que cada grupo faz de sua corporalidade na contemporaneidade da sua indianidade. Ou como aponta Fassheber, ao estudar o futebol entre o povo Jê-Kaingang do Paraná:

Mas, que os índios brasileiros são apaixonados por futebol seria inútil dizer, já que entre todos os brasileiros esse esporte desperta todo tipo de paixão. Inclui até a paixão de quem "odeia futebol". Então não poderia ser diferente entre os ticuna, entre os kaiapó, entre os assuriní ou entre qualquer povo indígena com muito ou pouco contato. Entre os kaingang, a introdução do futebol entre eles coincide com o processo civilizador de "esquecimento" de seus jogos de guerra kanjire e pinjire, considerados ultra violentos pelos colonizadores. E o futebol serviu como boa metáfora de tais treinamentos de guerra, deslocando a violência para uma direção do que era tido como comportamento civilizado. Ademais, o futebol introduzido entre os indígenas permite-nos algumas análises sociológicas importantes. Um exemplo claro, é a posição de centralidade que o campo de futebol ocupa dentro de diversas aldeias. O futebol pode ser percebido também pela interação e pela integração social dos moradores de uma terra indígena (TI), destes com os de outras TIs e com a população e com as equipes da cidade em competições municipais e regionais. (Fassheber, 2006, s/p).

É claro que pode haver processos alienantes, mas não só, há processos criativos que os tornam protagonistas de suas escolhas e suas próprias criatividade, eles mesmo pagando os preços das escolhas, das experimentações, das retomadas, tanto que parece haver retomadas de jogos ancestrais no Brasil, o que foi também disparado e pulverizado pelo legado dos Jogos Indígenas do Brasil e dos Jogos Mundiais Indígenas,

idealizados heroicamente por Carlos Terena e Marcos Terena, os irmãos Terena e o Comitê Intertribal.

Nesse contexto de etnoesporte se encontra o Futebol, ou o etnofutebol, o futebol do povo Gavião Kyikatejê do Pará. O povo Gavião é do tronco linguístico macro-Jê, bem diferente do tronco de língua Tupi, o que só ilustra a diversidade de línguas e culturas em solo brasileiro. Também chamados de povo Jê-Timbira, os povos Timbiras foram primeiramente estudados pelo etnógrafo alemão Curt Nimuendajú (1946).

Posteriormente, os estudos sobre os Timbiras foram resgatados por antropólogos brasileiros como Julio Cesar Melatti (1970, 1972, 1978) e Roberto Augusto DaMatta (1976), e depois Odair Giralдин (2000), dentre outros. Ressalta-se que os avanços nos estudos Jê ocorreu na década de 1960-80, quando se realizou o projeto de estudos dos povos do Brasil Central, foi o projeto *Harvard Brazil Central Project*, ou Projeto Harvard-Museu Nacional, tendo Roberto Cardos de Oliveira com um dos brasileiros coordenadores junto com os estadunidenses David Maybury-Lewis da Universidade de Harvard.

O Dossiê "*Outras imagens do pensamento para a etnologia dos povos Jê do Brasil Central*" (Demarchi et al., 2019) é uma edição em comemoração aos 40 anos do produto escrito que é fruto do Projeto Harvard - Museu Nacional que é a importante coletânea sobre povos Jê, o *Dialectical Societies* de 1979.

O povo Gavião do Pará, oriundos do povo Gavião do Maranhão, na verdade compõem vários povos de mesma língua e cultura que se autodenominam conforme se separam por aldeamentos. Segundo o pesquisador paraense Cícero Teresa dos Santos (2022), se aldeiam na Terra Indígena Mãe Maria (TIMM), localizada em Bom Jesus do Tocantins, sudeste do Pará. Segundo Santos (2022), na TIMM encontram-se três grupos: *Parkatejê*, *Kyikatejê* e *Akrâtikatejê*. Ainda segundo Santos, a reunião dos três grupos na TIMM era destinada somente aos Gaviões Parkatêjê, porém, deslocamentos compulsórios em decorrência da expansão violenta da agropecuária e dos grandes projetos de empresas na Amazônia, os *Kyikatejê* e *Akrâtikatejê* foram agregados, não de forma tão pacífica, havendo conflitos externos e internos.

O futebol nos povos Gaviões do Pará (*Parkatejê*, *Kyikatejê* e *Akrâtikateje*) é uma modalidade esportiva muito popular. Tão popular a ponto de fazer parte da agenda dos Jogos Indígenas anuais locais onde se misturam jogos ancestrais-rituais e esporte moderno, no caso o etnofutebol dos Gaviões. Tal popularidade levou à criação de um time profissional de futebol que disputa campeonatos da liga de futebol local e estadual.

O time Futebol Clube Gavião Kyikatêjê foi fundado na década de 1980, sendo o primeiro time profissional de futebol indígena. O time representa a etnia *Kyikatejê* que significa “povo do rio acima”. Localizado no município de Bom Jesus do Tocantins, a 450 quilômetros de Belém, a capital do Pará e próximo 25km da cidade de Marabá, no sul do Pará.

O futebol de raiz indígena disputou a divisão principal do campeonato profissional estadual em 2014, ficando conhecido nacional e internacionalmente, recebendo pesquisadores, jornalistas e documentaristas a TIMM. Em 2017, a Federação Internacional de Futebol (FIFA), realizou um videodocumentário sobre a história do clube indígena.

O treinador Zeca Gavião, e presidente do time, é o primeiro técnico indígena credenciado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). O time original era formado totalmente por indígenas, atualmente é misto, o que não lhe tira o brilho. Os desafios e as superações dos mesmos são ilustrados com análise de dados coletados para esta pesquisa, especialmente a parte inicial da entrevista realizada com Zeca Gavião.

Método

Para este estudo foi aplicada metodologia qualitativa, integrando método observacional, método etnográfico e método de entrevista. Segundo Breakwell et al. (2010) a pesquisa observacional está integrada a outros métodos de pesquisa, o que no caso se integrou a estudo por entrevista e etnografia. Neste trabalho, a observação se deu por observação do ambiente social e o lugar das ações. A pesquisa etnográfica é oriunda da antropologia, área com a qual nosso viés psicológico dialoga de forma interdisciplinar.

Segundo o método etnográfico é amplo, para esta pesquisa pontuamos o aspecto de buscar a representação do mundo indígena pelo participante-informante, não o pesquisador somente, caracterizando uma coautoria em entender e informar o mundo como o outro o vê e vive, no caso um treinador de futebol do povo Gavião. Terceiro, a pesquisa de entrevista foi usada em conjunto com os métodos anteriores, como bem previsto em Breakwell et al. (2010), e como entrevista não-estruturada desenvolvida como um intercâmbio com o entrevistado, no caso específico o treinador Zeca Gavião, em sua casa, dentro da TIMM.

O sujeito entrevistado na verdade foram os sujeitos, primeiro o renomado treinador indígena conhecido como Zeca Gavião e sua esposa Concita Sampré, de origem Guarani e Xerente, em 15 de abril de 2023. O profissional de futebol e liderança indígena Zeca Gavião foi contactado meses antes, pois pedimos autorização oral para observar, ir a campo(etnografia) e entrevistá-lo sobre etnofutebol no evento de Jogos Indígenas conhecido como Festival da Castanha, ou Festival da Castanha Nova, que festeja a colheita da nova safra de castanha do Pará.

Quanto aos procedimentos éticos desta pesquisa, além da autorização oral recebida e gravada em áudio da liderança entrevistada, tivemos compactado o bem-estar dos participantes. Assim, o consentimento foi informado via oral, muito comum em entrevista de cunho antropológico em territórios indígenas, não havendo riscos potenciais aos participantes, os quais foram informados sobre o objetivo da pesquisa, havendo concordância entre ambos, inclusive ao direito de se retirar da pesquisa ou não ser identificado. No caso, os informantes autorizaram a publicação de seus nomes com relação ao objetivo da pesquisa acadêmica.

Sobre a análise dos dados coletados em observação, etnografia e entrevista, foi observado como as pessoas indígenas se comportam durante o festival, em especial as atividades etnoesportivas. Os dados colhidos em observação etnográfica não são reproduzíveis, ainda mais em ambientes sociais dinâmicos, humanos, mas não invalidam seus resultados, e assim foram anotados em diários de campos e cadernos de notas de campo a observação de comportamentos, falas informais, conversas informais, organização material indígena, interações interétnicas, interterritoriais e interculturais presentes, a alimentação. E, especialmente sobre a entrevista

não-estruturada, os dados coletados foram transcritos e lidos exaustivamente, sob análise do prisma principal da visão do entrevistado, dos quais suas citações literais ilustram o modo de ver do próprio indígena, e como pesquisadores procuramos identificar informações significativas para a temática em estudo: o etnofutebol, sob os vieses teóricos estudados, lembrando, a psicologia social do esporte, a etnopsicologia e o etnoesporte.

Resultados e discussões

Este trabalho apresenta resultados parciais de pesquisa em andamento, ou melhor, resultados iniciais de pesquisa de fluxo contínuo com idas e vindas constantes aos territórios indígenas na Amazônia.

Os dados coletados durante o Festival da Castanha, que ocorre todo mês de abril na TIMM, na Amazônia Paraense foram dados de observação, etnográficos e de entrevista com o técnico de futebol Zeca Gavião, em 15 de abril de 2023, o qual durou duas horas. Os dados são analisados sob o viés da psicologia social do esporte, a etnopsicologia e etnoesporte, conforme estudados em revisão da literatura.



Foto 1 e 2 - Exemplos de planfetos com mapa divulgando os Jogos na TIMM-Pará, 2020.

Fonte: Arquivo dos autores deste artigo.

Resultados deste trabalho são amplos, mas aqui resumidos por questão de tempo e espaço. O Festival da Castanha é um importante festival etnoesportivo, já em sua décima segunda edição, naquele momento, e logo em sua décima terceira em 2024, abril. O evento é idealizado pelos próprios indígenas e há a competição interétnica de corrida de tora, arco e flecha, corrida de varinhas, natação e futebol. O evento reúne os três povos principais do território, *Parkatejê*, *Kyikatejê* e *Akrâtikateje*, bem como outros povos como os *Gavião Popkejê* do Maranhão, os *Krikatí* do Maranhão, os *Kraô* do Tocantins, os *Xerente*, os *Xikrin*, os *Kayapós*, dentre outras etnias do povo *Jê-Timbira*.

Sem dúvida o etnofutebol Timbira é bastante esperado e festejado, vide o seu histórico de bem sucedido regionalmente, tendo como ápice o time fundado por Zeca Gavião por volta de 1980.

Dados iniciais de entrevistas com Zeca Gavião ilustram o início difícil dessa etnohistória, a história esportiva dos Gavião Kyikateje, a trajetória pessoal do informante e parceiro indígena é exemplificada em três momentos recortados da entrevista geral, a) sua trajetória pessoal e deslocamentos territoriais violentos, b) seu despertar para o esporte e o c) surgimento da ideia de criar um time a partir da sua aldeia após sofrer preconceito e discriminação por ser indígena, como abaixo:

Zeca Gavião, apelido da liderança, presidente de time e técnico de futebol “Pepkrate” (1966-atual), teve uma infância cujos olhos, ouvidos e sentidos infantis assustados, testemunharam grandes mudanças na região onde nasceu devido o impacto das grandes empresas na Amazônia. A estrada Transamazônica estava em plena construção pela Ditadura Militar, a hidrelétrica de Tucuruí, as torres de energia, a transição Serviço de Proteção ao Índio (SPI) para a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), na época. Como na passagem abaixo:

Eu me chamo “*Pepkrate Jakukreikapiti Ronore Konxarti*”, conhecido mais como Zeca Gavião, eu sou natural de Tucuruí, eu fui atingido por barragem, e por causa da barragem transferiram minha família pra cá pra Marabá, aonde essa terra foi doada pelo Magalhães Barata na época né em 1963, e eu sem entender porque que eu tinha vindo pra cá, quando eu vim eu tinha 08 ou 09 anos, quando eu saí de Tucuruí, em cima de um caminhão, com brasilit dentro, tudo para fazer

uma casa, e eu não estava entendendo o que estava acontecendo, até minha mãe mesma não sabia, meu pai também, só outro irmão Paiará, ficava mais a frente dessa discussão e nós viemos pra cá, chegamos em Marabá, naquela época era o SPI...

A colonialidade da nossa sociedade reconhece o nome Zeca, uma variante de José, Zé, mas Zeca não é um Zé Ninguém, tem seu nome reconhecido internacionalmente, inclusive pela FIFA. E Gavião não é uma autodenominação do próprio povo, que se autochamam de Kyikatêjê. Gavião é nome dado por antropólogos brancos, da academia, que fizeram menção às penas de Gavião que os povos Jê usam no cocar e adereços corporais, mais que adereços, própria pele, continuação identitária do corpo. Esses atos já não preconceituosos e discriminatórios, estruturais na nossa sociedade ocidental.

Pepkrate é oriundo de povos atingidos por barragens, a de Tucuruí, que deslocou forçadamente famílias, aldeias e povos inteiros do seu lugar ancestral de origem, uma forma de violência. Como bem visto na psicologia social e na psicologia do esporte e exercício, uma hegemonia da ideologia de branquitude e branqueamento no Brasil, um processo civilizatório de embranquecimento como ideologia escolarizado, não só alienando a pessoa negra (pretos e pardos), questões raciais, mas também a pessoa indígena de diversas etnias, questões étnicas. Se o negro no esporte brasileiro nos obriga a revisitar a “raça” e o racismo, temos que ampliar estudos das questões de diversidade étnicas-raciais no Brasil e no mundo.

Os Kyikatêjê desenvolveram um enorme senso de sobreviver em terras alheias, se adaptar e manter viva suas tradições na medida do possível. Se escolarizar foi percebido como uma ferramenta de se proteger da ameaça de ser lançado na escuridão da ignorância. Pepkrate, o Zeca, foi um dos grandes líderes em buscar alfabetização, escolarização, ainda que ocidental, para o seu povo e observador de como poderia empreender mudanças que fortalecessem a sua comunidade, como abaixo exposto:

As pessoas que fossem estudar iam buscar o conhecimento para buscar pra aldeia, era uma ideia boa, o que não acontece hoje né, hoje o pessoal estuda e não está nem aí, volta até contra o próprio cacique ainda, então, era uma coisa assim rígida mas era importante, e aí eu comecei a estudar, com

colegas aqui da TI Mãe Maria, aí eu comecei a observar o desenvolvimento do nosso povo, nesse intermédio nós observávamos que os velhos praticavam esporte, eles enchiam o caminhão e iam lá pra Rondon e ganhavam né...o primeiro esporte que entrou na aldeia foi o vôlei, porque os americanos gostam né e os americanos colocaram isso na aldeia...começou assim com evangelismo americano...

Zeca, Pepkrate, relata a rigidez de ter que ir para a cidade do entorno e poder não criar conflitos sociais. Em um trecho da entrevista ele relata que tiveram que voltar da cidade porque um parente indígena “mexeu” com uma moça branca, eram jovens estudantes na cidade, havia mais preconceito do que há atualmente, pois já se verifica misturas entre indígenas e brancos na própria aldeia, como observamos, famílias mestiças.

Zeca sempre foi um grande observador, relata que o vôlei foi o primeiro esporte ocidental a se misturar com as práticas corporais entre os Kyikatêjê, isso devido os missionários evangélicos terem promovido a prática de vôlei entre os adultos e jovens. Zeca destaca nessa passagem acima que os idosos da aldeia aderiram bem à prática de vôlei e se sagravam campeões interterritoriais. Esse fato da força corporal do povo Gavião, dos Timbiras em geral, como observamos e estudamos nos estudos sobre os Timbira, como em Nimuendajum Melatti, DaMatta, sim, é uma característica muito forte dos povos Jê-Timbira. Bem notado por Zeca Gavião.

O futebol também se tornou prática popular entre os Kyikatêjê e os demais povos vizinhos, os Gaviões Parkatêjê e Akrâtikatêje. Mas Zeca foi sonhador, protagonista e corajoso em montar um time de futebol forte na região. O fato de ser índio o tirou de um seletivo em Belém no time do Paysandu, rival de clubes paraenses como o Remo e Tunaluso.

Mas o preconceito e a discriminação sempre sofrida nunca o fez desistir, e o futebol se ostra como ferramenta de reinserção social na busca de ressignificação da força indígena pelo mesmo, o que está bem de acordo com os estudos de Fassheber com os Kaingang do Paraná e seu conceito de etnoesporte que se amplia à ressignificação de uma modalidade ocidental no território e além, como menciona abaixo:

Eu ficava observando de montar um time de futebol só com indígenas, fizemos uma seleção e fomos campeão aqui na

região, Bom Jesus, Rondon, Abel, Itupiranga e Marabá mesmo, aí apareceu um dirigente do Paysandú, eles criaram uma base chamada Timbira, como ele era vice esse dirigente acompanhava e levou três indígenas para fazer o teste em Belém...mas antes da contratação você não pode falar que você é índio, o presidente pode querer não gostar, aí eu saí da mesa, eu não gostei da forma, é um preconceito, aquilo me despertou, vai ser difícil a gente ver um indígena chegar no futebol brasileiro, aí me veio a ideia eu vou criar um time..eu tinha um time aqui que se chamava Akrã, mas os organizadores interno me tomaram esse time...minha esposa me deu a ideia de criar o time Kyikatejê futebol clube...

Mesmo tendo perdido o seu time original, o Akrã, e toda sua experiência, gana e capacidade de sonhar e ser protagonista de seu povo Kyikatêjê, Zeca fez nascer o Gavião Kyikatêjê Futebol Clube, o primeiro time profissional indígena do Brasil. Kyikatêjê (o povo do rio acima) futebol clube antes se chamava Castanheira atlético clube, mudando para Gaviões Kuikatêjê Futebol Clube em 2009.

Uma trajetória heróica, notável e de protagonismo indígena como um dos casos mais significativos no futebol brasileiro, com a força do etnofutebol Jê-Timbira. Corredores de tora, lutadores de Apenkuite (luta corporal quase extinta), corredores de curtas e longas distâncias, reconhecidos por práticas corporais e esportivas diárias, como pudemos observar nas escolas dentro das aldeias, não poderíamos deixar de constatar essa muito forte etnoesportividade dos povos Timbira, em especial a do povo Gavião.

O que também nos impressiona como observadores de fora, sem negar o apaixonamento de observador da força de manterem sua cultura, ainda que a língua Jê esteja em desuso se comparados com os Gaviões do Maranhão, por exemplo. Mas os maiores eventos etnoesportivos da região tocantina e araguaia, menção aos dois grandes rios da região (Tocantins e Araguaia), ocorre sem dúvida na integradora TIMM, e a partir do forte, resiliente e corajoso povo Kyikatêjê.



Foto 3. Faixa de time de futebol feminino na TIMM, 2020.

Fonte: Arquivo dos autores.

Considerações finais

O objetivo deste estudo foi conhecer, apresentar e ampliar saberes sobre o futebol indígena desenvolvido entre o povo Timbira, em especial o povo Gavião Kyikatejê, o que parcialmente conseguimos alcançar, sendo um trabalho de fluxo contínuo de aprofundamento. A perspectiva teórica-metodológica que utilizamos foi a observação, a etnografia e a entrevista, e se mostraram suficientes ao longo do estudo necessitando sempre refinamento e aperfeiçoamento.

O renomado e primeiro treinador indígena, o senhor Zeca Gavião, Pepkratê, nos forneceu dados importantes, significativos que exigem sempre maior investigação de tão ricos que se mostram na trajetória etnoesportiva do povo Timbira em geral, tão desconhecidos ainda na literatura. Em que pese a Constituição de 1988 prever a Defesa e a valorização do patrimônio cultural brasileiro, ainda tão encoberto.

Assim o legado dos estudos acadêmicos de José Fasseber e colaboradores é importante para continuarmos a pensar o etnoesporte, o

etno futebol e a etnopsicologia dessas práticas corporais como ressignificadoras, atualizadoras entre jogo-ancestral e esporte moderno no território, bem como a partir das considerações de Bairrão na etnopsicologia, a de valorizar a narrativa do investigado como um saber não menorizado diante do acadêmico, mas uma outra forma de saber, e mesmo contribuir com a psicologia social do esporte que ainda engatinha sobre o tema. De acordo também com os estudos de Alexey Kylasov sobre os Jogos Tradicionais a partir da realidade russa, e a necessidade de valorizá-los, salvaguardá-los, conhecê-los, apresentá-los.

Sem dúvida daremos continuidade a esta pesquisa, a investigar trajetória heróica de *Pepkrate Jakukreikapiti Ronore Konxarti*, Zeca Gavião, bem como a riqueza de práticas corporais, que observamos na TIMM entre os povos Kyikatêjê, Parkatêjê e Akrâtikatêje. Temos a intenção de ampliarmos a coleta de dados no próximo Festival da Castanha, em abril de 2024, como também discussões e publicações sobre a diversidade étnico-cultural das práticas corporais, o etnoesporte, sob o viés da psicologia e da etnopsicologia, ao fazermos parcerias com os protagonistas em cada território que visitamos, nos quais somos muito gratos ao sermos bem-recebidos pelos povos da floresta.

Referências

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 05 de outubro de 1988*. 4. Ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

BREAKWELL, Glynis M.; FIFE-SCHAW, Chris; HAMMOND, Sean; SMITH, Jonathan A. *Métodos de Pesquisa em Psicologia*. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DEMARCHI, André; GIRALDIN, Odair; MELO, Maycon; MORAIS, Odilon (eds.). *Dossiê: Outras imagens do pensamento para a etnologia dos*

povos Jê do Brasil Central. In: *Revista de Antropologia da UFSCar*. Editora da UFSCar: São Carlos, 2019.

FASSHEBER, José Ronaldo. *Etno-Desporto Indígena: contribuições da Antropologia Social a partir da experiência entre os Kaingang*. Campinas: Unicamp. Tese de Doutorado. 2006. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/275209> , acesso em : 09.jan.2024

FASSHEBER, José Ronaldo. *Etno-desporto indígena: a Antropologia Social e o campo entre os Kaingang*. Brasília: Ministério do Esporte, 2010.

FASSHEBER, J. R. M.; FREITAG, L. C.; GOUVEA, D. Zikunahity X Football: a peleja por um esporte de identidade nacional no Brasil de 1922. Trabalho apresentado na *XIII Reunião de Antropologia do Mercosul*, Porto Alegre: UFRGS, 2019.

FASSHEBER, José Ronaldo; GOMES, Fabio José Cardias. Etnoesporte: um conceito no mundo do século XXI. In: *International Sociology of Sport Association Congress*, Canada, 2020.

FREITAG, Liliane; FASSHEBER, José Ronaldo. Um estranho no ninho? O Futebol nas identidades indígenas. In V. R. T. Camargo, M. B. Rocha Ferreira, & O. R. M. Simson (Eds.), *Jogo, celebração, memória e identidade. Reconstrução da Trajetória de Criação, Implementação e Difusão dos Jogos Indígenas no Brasil (1996-2009)* (pp. 111-126). Campinas, 2011.

GIRALDIN, Odair. *Axpen Pyrak: história, cosmologia, onomástica e amizade formal Apinajé*. Tese (Doutorado) apresentado na Universidade de Campinas, Campinas, SP, 2000.

GOMES, Fabio José Cardias. *Ethnosport Psychology: A model of traditional games of indigenous people of the Eastern Amazon*. In: *International Journal of Ethnosport and Traditional Games*, 2 (2), 63-75. 2019 DOI:<https://www.doi.org/10.34685/HI.2020.60.86.005>.

GOMES, Fabio José Cardias. Etnoesporte Timbira: aspectos socioculturais e psicossociais do corpo-território e ressignificações da corrida de tora Amazônida. In: Stela Maris Ferrarese (org.). *Juegos Indígenas Antiguos y Contemporáneos de América del Sur*. Museo del Juguete Étnico/Argentina, 2021a.

GOMES, Fabio José Cardias. Ethnosport psychology and Indigenous sportsmanship: a Brazilian contribution. In: Turkman, M.; Ziyagil, M.A.; , Kaya, A.. *Impacts of traditional sports and games on global peace and development during and after Covid-19*. Gece/Kitapigli: Ankara, Turquia, 2021b.

KYLASOV, Alexey. *Ethnosport — cultural heritage/Youth - Culture - Politics: historical memory and civilization choice: VIII Commemorative Alexander Panarin Readings (2010): Collection of articles/Ed. V*. Rastorguev-Moscow: Moscow State University, MAKS Press (in Russian). 2012.

LAVEGA, Pere. *Juegos y Deportes Populares Tradicionales*. Múrcia, Espanha: Editorial Indi, 2021.

MATTA, Roberto da. *Um mundo dividido: a estrutura social dos índios Apinajés*. Petrópolis: Vozes, 1976.

MELATTI, Julio Cesar. *Ritos de uma Tribo Timbira*. 1ª ed. São Paulo: Ática, 1978.

MELATTI, Julio Cesar. *O Messianismo Krahó*. São Paulo: Herder, 1972.

MELATTI, Julio Cesar. *Índios do Brasil*. Brasília: Coordenada, 1970.

NIMUENDAJU, Curt. *The Eastern Timbira*. Berkeley; University of California, 1946.

ONU. *Declaração da ONU sobre os povos indígenas*. Rio de Janeiro: Nações Unidas, 2007.

PAGLIUSO, L.; BAIRRÃO, J. F. M. H. A etnopsicologia: um breve histórico. In J. F. M. H. Bairrão & M. T. A. D. Coelho (Orgs.), *Etnopsicologia no Brasil: teorias, procedimentos, resultados*. Salvador: EDUFBA, 2015.

SANTOS, Cícero Teresa dos. Narrativas orais de cantores indígenas Gavião da TI Mãe Maria. In; Pandemia e futuros possíveis. *Anais do XVI Encontro Nacional de História Oral*. Anais... Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <http://even3.com.br/Anais/XVIEncontroNacionaldeHistoriaOral/488927-NARRATIVAS-ORAIS-DE-CANTORES-INDIGENAS-DA-TI-MAE-MARIA>, acesso em 13.jan.2024

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. Hucitec, São Paulo, 1999.

TOLEDO, L.H.. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002). In: *BIB*, n.52, São Paulo, 2001.

SILVA, E. C.; NAVARRO, E. A. *Redescobrimos Gonçalves dias no Esporte. In: Estudos sobre o Tupi-Antigo e as Línguas Gerais no Brasil*. 1. Ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.

SILVA, E. C.; MIARKA, B. Modalidades de Lutas e Plano de Aula: Huka Huka in: RUFINO, L.G.B.; OLIVEIRA, A.A.B.; RINALDI, I.P.B. (orgs.). *Fundamentos Pedagógicos do Esporte Educacional – Lutas*. CURITIBA: CRV, 2022.

VIANNA, F. F. L. Brito. *A bola, os brancos e as toras: futebol para índios Xavantes*. Dissertação (Mestrado) em antropologia social. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2001.

VINHA, M. ; Rocha Ferreira, M.B. . Jogos em Desuso? Relatos a partir do século XVIII sobre Jogos na Sociedade Indígena Mbayá-Guaicuru e no grupo Kadiwéu.. In: *V Encontro de História do Esporte, Lazer e*

Educação Física, 1997, Maceió. COLETÂNEA: V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Ijuí: UNIJUÍ, 1997.

VINHA, M. ; Rocha Ferreira, M.B. ; UGARTE, M.C.D ; TAGLIARI, Jr. ; FASSHEBER, J. R. . Raízes:Jogos Tradicionais Indígenas. In: Lamartine Da Costa. (Org.). *Atlas do Esporte no Brasil/Atlas of Sport in Brazil*. 1ªed.Rio de Janeiro: SHAPE, 2005.

VINHA, M. . Competitividade e Rivalidade entre os Índios Kadiwéu. In: 4o Simpósio Internacional "Processo Civilizador: Corporeidade e Religiosidade, 1999, Piracicaba. *Anais: 4o Simpósio Internacional "Processo Civilizador: Corporeidade e Religiosidade*. Piracicaba, 1999.

VINHA, M. . Considerações sobre Jogos Tradicionais na Escola da Aldeia. In: I Simpósio Cultura Corporal e Povos Indígenas do Paraná, 2001, Irati. *Anais: Cultura Corporal e Povos Indígenas do Paraná*. Irati: UNICENTRO, 2001a.

VINHA, M. . O joga bunda e o Cartão Vermelho: pensando com Norbert Elias o processo civilizador, tendo como Referência Empírica o grupo Indígena Kadiwéu.. In: *VI Simpósio Internacional Processo Civilizador: História, Educação e Cultura*, 2001, Assis. *Anais: VI Simpósio Internacional Processo Civilizador: História, Educação e Cultura*. Assis, 2001b.

VINHA, M. ; Rocha Ferreira, M.B. . Tradição Recentemente Inventada - Terras Indígenas e Jogo Cabo-de-Guerra. In: *XVII Encontro Regional de História: o lugar da História*, 2004, Campinas. *Anais: CD Rom XVII Encontro Regional de História: o lugar da História*. Campinas: Unicamp, 2004.

Fabio José Cardias Gomes

Possui graduação em Psicologia pela UFPA (2001), mestrado em Saúde e Ciências do Esporte pela Tsukuba University/Japão e doutorado em Educação pela USP (2012). Atualmente é professor associado na graduação e pós-graduação da UFMA (2010-ativo), tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em educação, saúde mental, esporte e jogos tradicionais, atuando principalmente nos seguintes temas: artes marciais, preparação psicológica clínica, psicologia junguiana e etnografia (etnosaberes, etnoesporte) dos mitos, ritos, práticas corporais e a construção da pessoa-corpo-território entre povos indígenas e comunidades tradicionais, populares e cabocas na Amazônia.

E-mail: fabio.cardias@ufma.br

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/0895767024534705>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2304-9643>

Everson Carlos da Silva

Bacharel em Esporte pela Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (2003). Preparador físico de lutas, professor de judô e levantamento de peso. Foi idealizador da Semana de Meio Ambiente da USP, realizado em 2003, 2004 e 2005. Desenvolveu projetos na área de esporte de identidade cultural e meio ambiente no município de São Paulo com comunidades indígenas em âmbito local e nacional.

E-mail: everson.indio@alumni.usp.br

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2019016145886418>

Recebido para publicação em novembro de 2024.

Aprovado para publicação em fevereiro de 2025.